

Entrevista / Antonio Saboia

Você tem um rosto com presença marcante em diversas produções do cinema. Agora, está no ar em uma novela das 21h. Era seu objetivo ocupar esse lugar também?

Fui muito feliz fazendo essa novela, estava em um núcleo de pessoas muito queridas. E é um privilégio poder estar em uma novela do João Emanuel Carneiro. Meu objetivo era, sim, voltar a fazer novela também. Acredito ser importante transitar entre cinema, TV e teatro. São formas de trabalho completamente diferentes, e todas elas, à sua maneira, enriquecem a experiência do ator.

O que representou para você estar em uma produção como *Ainda estou aqui*?

Trabalhar com o Walter Salles era um sonho antigo. Fazia 12 anos que ele não voltava à ficção, e foi uma sensação maravilhosa ser acolhido com tanto carinho por ele. Quando soube que chamaria Fernanda Montenegro de mãe, fiquei extasiado.

E como foi estar ao lado de Fernanda Montenegro com tanta intimidade em cena?

Para além do óbvio, que é o privilégio de trabalhar com a Fernanda Montenegro, foi um momento extremamente especial para mim. Pelo compromisso total com a arte, pela humildade, pelo carinho com os quais ela envolve todos no set, e também porque, em uma cena de troca íntima entre uma mãe e seu filho, eu me perdi na personagem e me conectei com minha própria mãe, que perdi há 12 anos. A Fernanda Montenegro me deu esse presente, de poder, por um instante, sentir minha própria mãe. Isso vai ficar para sempre.

“ Quando vou a Brasília, costume dar uma volta pelas quadras onde passei tempo, da Asa Sul à Asa Norte, passando pelo Guará. E esse céu de Brasília, que é uma coisa linda! ”

Como se sente agora que o filme marcou o seu lugar na história do cinema mundial?

É maravilhoso ver a cultura brasileira ter esse reconhecimento. O cinema brasileiro foi muito bem representado em Veneza, com cinco filmes, dos quais quatro dirigidos por mulheres. *Alma do deserto*, de Mônica Taboada Tapia, que ganhou o Queer Lion; *Manas*, de Mariana Brennand, que ganhou o prêmio de direção na Giornate; Petra Costa com o documentário *Apocalipse nos Trópicos*; e Moara Passoni com *Minha mãe é uma vaca*. Ganhamos o prêmio de Melhor Roteiro por *Ainda estou aqui*, o que destaca ainda mais a importância de falar sobre a ditadura, especialmente em um momento de fortalecimento da extrema direita.

Você atua em filmes e séries com um forte viés político e já declarou que gosta dessa função da arte. Essa é uma bandeira que você carrega? Acredita que o corpo e a voz do artista são essencialmente políticos?

Acredito que, de certa forma, tudo seja político e que algumas histórias precisam ser contadas. Mas não acho que devemos nos limitar a contar apenas histórias politicamente engajadas ou edificantes. É importante contar todo tipo de história, em todos os estilos, todos os gêneros.

Embora tenha nascido na França, você também se considera maranhense...

Em relação à dupla nacionalidade, há uma tendência de simplificar de forma binária, que

faz parte de um mecanismo de imposição identitária: você é uma coisa ou outra. No entanto, essa questão nem sempre é clara. Ouvei a vida toda aqui: “Você é francês, nasceu na França”, apesar de ter um pai brasileiro e da minha história pessoal. Cheguei ao Brasil aos 3 anos de idade e foi aqui que me entendi como pessoa, tive minhas primeiras interações conscientes e minhas primeiras lembranças do mundo. Apesar de sempre me referir a mim mesmo como franco-brasileiro ou, como dizia meu pai, como “franco-maranhense”, houve momentos em que rejeitei profundamente a França, achando que precisava escolher entre os dois. Existe também uma curiosidade, um certo encanto ou rejeição pelo que é diferente e exótico, o que leva você a se tornar uma projeção da fantasia alheia. No Brasil, só faço nordestino em projetos dos amigos no Maranhão, onde passei parte da minha infância. No eixo Rio/São Paulo, sou chamado para fazer o sulista, por ser branco. Na França, sou o latino. Na verdade, somos a soma das nossas experiências, vivências e do que dialoga conosco de forma profunda.

Quais são as maiores e melhores lembranças que tem de Brasília?

Onde gosta de frequentar quando vem à cidade?

Fiquei entre Brasília e São Luís dos 3 aos 9 anos. Tinha uma vida bem agitada socialmente quando morávamos em Brasília. Íamos todos os fins de semana para a casa de tios, tias e amigos. A criançada bagunçando, os adultos conversando e o chorinho como trilha sonora ao fundo. Lembro das idas à Água Mineral, dos pastéis e caldo de cana, das locadoras onde passávamos horas escolhendo filmes. Além da cidade, existe uma nostalgia da época. Quando vou a Brasília, costume dar uma volta pelas quadras onde passei tempo, da Asa Sul à Asa Norte, passando pelo Guará. E esse céu de Brasília, que é uma coisa linda! Da última vez, fui passar a tarde na Água Mineral com meu irmão, foi uma viagem no tempo. Não voltava desde a infância.

Em uma entrevista ao Correio, em 2018, você declarou que tem o desejo de participar de uma novela inteira. Ainda não foi dessa vez, mas acredita que agora esse convite vai rolar?

Olha, espero que sim, vamos torcer! (risos)